

Área social é o ponto fraco de FHC

Alain Touraine, sociólogo francês e amigo do presidente, vê “democracia brasileira instável”

Cristina Borges
do Rio

“A abertura econômica e a globalização são uma realidade mundial. O importante ao analisar esse processo é saber se um país está sendo dirigido por um mercado auto-regulado ou se combina a abertura econômica com certo grau de controle sobre a atividade econômica e a integração social”. A avaliação é de Alain Touraine, sociólogo francês, amigo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Estudioso da América Latina, ele destacou que em países como o Brasil e o Chile, os esforços desenvolvidos para combinar liberalização e integração social ainda são insuficientes. Também professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Touraine identifica na democracia de ambos os países uma “situação instável”, que pode propiciar um movimento de desvinculação entre os dois fatores.

Especificamente sobre o Brasil, essa expectativa do sociólogo baseia-se na fraca presença da oposição. “Nota-

se uma dualidade na atuação tanto do governo quanto do partido de oposição, o PT. A única forma de domar as forças de ruptura é aumentar a capacidade do sistema institucional. A união dos aspectos econômicos e sociais depende, basicamente, da reconstrução das instituições”, ressaltou. A seu ver, uma ação mais firme nesse sentido resultará em menos violência, maior segurança e eliminação da corrupção na polícia.

Na sua opinião, não há partidos de oposição fortes no País, à medida que há cisões internas que os enfraquecem e não permitem antagonismo ao governo da situação. Como reforço a seu ponto de vista, Touraine citou o exemplo da Inglaterra, onde um trabalhista jamais vai votar num conservador. A dualidade que identifica no partido

de seu amigo Fernando Henrique, o PSDB, está na necessidade de buscar alianças com outras legendas para ter sustentação política, no caso o PFL.



Alain Touraine

A crítica de Touraine ao governo Fernando Henrique recaiu sobre aspectos do plano econômico que não contemplam reivindicações dos “sem-terra”. “O governo não mantém um quadro de Estado de Direito”, disse ele, ao referir-se “à violência e à corrupção” que envolveram as invasões de terras no Pará e em São Paulo. “O sem-terra é um ator que

ajuda na reconstrução das instituições. O Brasil pode fazer uma reforma agrária pelas dimensões territoriais que possui”, prosseguiu.

De positivo, o sociólogo francês destacou o pequeno avanço que o governo conseguiu, nos últimos três

anos, com a implantação do Real, no que diz respeito à distribuição de renda. “Por muitos anos, o Brasil foi campeão em desigualdade social, que tem diminuído um pouco, embora a classe média brasileira esteja sendo pressionada”, disse.

Ao fazer uma avaliação da nova ordem econômica na América Latina, Touraine encontra a existência de uma enorme resistência de antigas classes dirigentes e de grupos corporativistas. “O liberalismo está destruindo os velhos sistemas protecionistas. Em contrapartida, há outra categoria de países caóticos, em que não há liberalização e nem controle do governo ante a força do narcotráfico, do contrabando e da violência, a exemplo da Venezuela, da Colômbia e do Equador”, ressaltou o sociólogo.

Em visita ao Brasil, Touraine participa dos “Encontros Científicos Franco-Brasileiros”, promovido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela École Normale Supérieure de Paris com o apoio do Consulado Francês.